

Visões Estratégicas e o Futuro Desejável

RONALDO MOTA SARDENBERG

OBJETIVOS E EXPECTATIVAS DO SEMINÁRIO BRASIL 2020¹

DESEJO DAR BOAS VINDAS A VOSSA EXCELÊNCIA, Senhor Presidente, e manifestar-lhe que sua presença entre nós, esta tarde, além de constituir uma insigne honra e um grande prazer, representa uma valiosa instância de consideração dos problemas do País, ou seja, do futuro de todos nós, no Governo, na sociedade e nas famílias brasileiras.

Senhor Presidente, em seu discurso de posse, em 1º de janeiro de 1995, Vossa Excelência lançou idéia política de um projeto nacional consistente de desenvolvimento. Seu objetivo era dar resposta à questão central das perspectivas brasileiras, num mundo em transformação, marcado mesmo pela incerteza, instabilidade e turbulência.

Para tanto, fazia-se necessário articular uma visão do futuro e dos próprios modelos de nossa inserção internacional. Esta é uma condição política mínima para que a participação brasileira na gestão da ordem internacional e regional possa colher os benefícios embutidos nos grandes processos mundiais e, ao mesmo tempo, militar suas repercussões negativas.

Pouco depois, recebi de Vossa Excelência a orientação de que a Secretaria de Assuntos Estratégicos procurasse concretizar essas idéias, em moldes abertos, participativos e inovadores. Assim nasceu o projeto Brasil 2020, que se organiza como um grande exercício de diálogo. Sua meta é proporcionar quadros de referência para a reflexão acerca dos rumos do País nas primeiras décadas do próximo século.

Seu enfoque básico é o de renovar a ênfase no bem estar do povo brasileiro e na aceleração do desenvolvimento, em bases nacionais.

Hoje, é possível pensar o futuro do Brasil. O trabalho de afirmação democrática e a luta anti-inflacionária, empreendidos com persistência no governo de Vossa Excelência, nos dão as condições necessárias a um diálogo frutífero e participativo, em escala nacional.

¹ Mensagem de abertura do “Seminário Nacional sobre o Projeto Brasil 2020” - 24 de novembro de 1998.

O vídeo há pouco projetado, — que Vossa Excelência conhece, pois dele foi o primeiro espectador, ilustra o que, dentro de nossos meios, já pudemos efetivamente realizar, em cumprimento a esse mandato.

Esta Conferência sobre Visões Estratégicas, de iniciativa da SAE, vem coroar as duas primeiras etapas do projeto Brasil 2020.

Associa-se a ela o Fórum Brasília 21, criado este ano e que já congrega 28 entidades públicas e privadas da Capital, inclusive o Centro de Estudos Estratégicos, da SAE.

O Fórum, que constitui uma parceria inovadora com vistas ao auxílio mútuo, está voltado para a discussão de temas políticos e econômicos, sob o prisma do futuro. Temos, como participantes do Fórum, órgãos governamentais, em particular as escolas e institutos especializados, a Universidade de Brasília, os Estados Maiores militares, a TV Senado, assim como as fundações partidárias e consultores privados.

Com a permissão de Vossa Excelência, desejaria, neste ponto, fazer menção, ainda que sumária, a outras importantes atribuições da SAE:

- lembro o inovador projeto SIPAM/SIVAM, que se dedica à Amazônia, região que é prioridade estratégica básica do Brasil. O SIPAM/SIVAM, dentro em breve, começará a revolucionar e integrar o conhecimento sobre aquela vasta área e permitirá formar uma visão de conjunto dos problemas amazônicos e de sua gestão;

- lembro também os programas Calha Norte e de Assistência aos Municípios de Fronteira, de interesse direto da segurança nacional e de grande impacto sócio-econômico em faixas sensíveis, mas desprovidas, do território nacional;

- recordo ainda o programa de proteção das atividades nucleares, SIPRON, que nos permite cumprir com o compromisso de máxima garantia de segurança para aquelas atividades. Seu papel terá especial importância no ano próximo, com a entrada em funcionamento da usina Angra-II.

- vale ressaltar também o significativo papel da Agência Espacial Brasileira que, indubitavelmente, terá uma função cada vez mais importante para o desenvolvimento tecnológico do País.

Todos estes projetos e programas convergem para a construção do futuro em condições de confiabilidade. Todos incorporam esforços de civis e militares, que, na SAE, trabalham quotidianamente em conjunto e de forma modelar. Todos são de fundamental interesse nacional. Todos são altamente compatíveis com a letra e o espírito do projeto Brasil 2020.

Para a implementação desse projeto, constituímos uma equipe técnica na SAE e ouvimos, inicialmente, noventa especialistas, em consultas privadas e em dez grandes reuniões de trabalho. Dessa forma, definimos a metodologia e a própria substância do exercício. Pela primeira vez, formulou-se uma estimativa da possível trajetória de longo prazo da ordem internacional e seus impactos sobre o País.

Com base no cotejo das opiniões coletadas, foram desenhados pelo corpo técnico da SAE três cenários exploratórios de longo prazo: Abatiapé, Baboré e Caaetê. Esses cenários exploratórios são instrumentos para reduzir o grau de incerteza nas análises prospectivas. Não são predições, mas espelham alternativas, com base numa montagem técnica de variáveis plausíveis. Sem conter preferências, propõem parâmetros para a evolução da vida nacional, nos limites do conhecimento que podemos antecipar.

Nem tudo, porém, são expectativas de mudança. Alguns pressupostos, comuns aos três cenários, permanecem constantes: a soberania, a unidade e a integridade territoriais, o regime democrático de direito, a convivência multirracial, a unidade lingüística e a garantia de cidadania.

Na fase seguinte, que ora culmina, traçamos as linhas de um cenário sobre o futuro desejado — o Cenário Diadorim, que, ao contrário dos anteriores, expressa a vontade e as aspirações da coletividade.

Participaram desse exercício os mais representativos setores, como está registrado em nosso vídeo. Para tanto, equipes da SAE entrevistaram 71 atores nacionais e colheram, pela via postal, a opinião de mais 140 atores regionais e setoriais.

Além disso, realizamos seminários no Norte, Nordeste e Centro-Oeste, cada um deles com mais de 50 participantes da sociedade, cujas opiniões permitiram que se introduzissem matizes nas colocações de escopo nacional do Projeto Brasil 2020.

Igualmente, acabamos de realizar, com a cooperação da Escola de Administração Fazendária, uma teleconferência nacional, que alcançou 103 cidades brasileiras. Demos início, pois, a um diálogo de âmbito nacional. Ouvimos anseios e apreensões, elogios e críticas, num clima de abertura e franqueza cidadãs. Emergiram convergências significativas tanto sobre as oportunidades, quanto sobre os obstáculos a longo prazo. Evidenciaram-se, senhor Presidente, como desejo dominante, as aspirações que convergem no sentido de um Brasil equitativo e com elevado nível de qualidade de vida.

Ressaltam, nas respostas, os anseios de justiça social, com a reversão dos quadros de desigualdade e concentração de renda. A qualidade de vida, orientada para a elevação geral das condições materiais de existência, é o outro componente central da realidade esperada em 2020.

PROGRAMA DO SEMINÁRIO BRASIL 2020 - VISÕES ESTRATÉGICAS PARA UM CENÁRIO DESEJÁVEL

Dia 24 de Novembro

15:00h - Abertura

Exmo. Sr. Presidente da República Fernando Henrique Cardoso
Embaixador Ronaldo Mota Sardenberg

15:30h - PaineI

DESENVOLVIMENTO POLÍTICO E FUTURO DA DEMOCRACIA

Antônio Otávio Cintra
Aspásia Camargo
José Genoíno
Hélio Jaguaribe
Jarbas Passarinho
Lauro Mohry
Marcelo Lavenere
Octaciano Nogueira
Lúcio Alcântara
Sérgio Machado
Torcuato L. Jardim

Dia 25 de Novembro

09:00h - PaineI

DESENVOLVIMENTO SOCIAL E HUMANO SUSTENTÁVEL

Augusto de Franco
Bernardo Sorj
Dejandir Dalpasquale
Dulce Maria Pereira
Fernando Bicudo
José Eli da Veiga
José Gregori
Rosiska Darcy de Oliveira
Vilmar Faria

14:30h - PaineI

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO SUSTENTÁVEL

Alfredo Costa Filho
Carlos Eduardo de Freitas
Canindé Pegado
Gilson Schwartz
Noênio Spinola
Stefan Bogdan Salej
Wrana Maria Panizzi

17:00h - Encerramento

“UMA AGENDA PARA O BRASIL 2020”

Esses são, de longe, os mais fortes pilares do futuro desejado pela sociedade, mas os mesmos sequer poderiam ser entrevistados, se nos ativéssemos apenas aos valores de mercado ou se faltassem perspectivas para o desenvolvimento sustentado.

Novas fases virão na trilha da preparação do projeto nacional. Estou seguro de, que este exercício se tornará perene. Muitas entidades — inclusive cada vez mais as universidades — se integraram ao diálogo e, por iniciativa própria começam a dedicar-se à investigação do futuro. Há muito que fazer. Já no próximo ano, poderemos avançar no exame de políticas transformadoras que tornem viáveis os desejos da sociedade.

Honra o Governo de Vossa Excelência o fato de que grande número dessas políticas já se encontram em plena execução.

Poderemos, ainda, detalhar esses cenários por óticas regionais, étnicas e sociais, bem como esboçar outros para a nova inserção brasileira na região sul-americana.

Nossa Conferência, de hoje e amanhã, na qual estarão reunidos participantes de reconhecida competência, tem uma agenda abrangente, que fará avançar as discussões. Nossos temas são essencialmente a reforma política e o desenvolvimento sustentável, temas, portanto, que se situam no próprio cerne do debate nacional contemporâneo.

SEMINÁRIO BRASIL 2020: UMA AVALIAÇÃO²

EM PRIMEIRO LUGAR, desejo agradecer a todos que colaboraram conosco para a realização deste evento, por sua contribuição não só hoje mas anteriormente, e pelas referências simpáticas que fizeram ao trabalho que temos desenvolvido.

A nossa expectativa é que esse trabalho se generalize e seja feito nas distintas instituições, nos distintos órgãos e nas distintas iniciativas, de maneira que cada um faça o seu pedaço. Quanto mais avançamos no que estamos fazendo, mais nos damos conta da necessidade de contar com um esforço muito amplo, na medida do possível, e de trocar idéias com outros focos de reflexão dentro do Brasil.

Desenvolvemos, por exemplo, o aspecto da regionalização dos trabalhos. Há pouco, ao entrar na sala, encontrei já de saída a Reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Dra. Wrana Panizzi. Estive na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e fiquei muito satisfeito com o esforço que lá está começando a ser feito. Inclusive pretendo voltar àquela universidade logo que puder.

² Comentários sobre os resultados dos trabalhos realizados no Seminário Brasil 2020.

Não poderia mencionar cada intervenção feita, de maneira que antecipadamente peço desculpas aos que não sentirem suas idéias refletidas no que vou dizer. Não posso sequer sumariar todas as idéias. Talvez possa dar alguma reação a alguns dos pontos, uma reação que sublinho ser pessoal. Esse é um exercício de diálogo, portanto, supõe que haja posições divergentes. Não me espanto que neste seminário tenham ocorrido certas colocações que eu, por exemplo, não aceitaria.

Imagino que, da mesma forma, quando eu falar muitos dos senhores e senhoras terão uma reação semelhante. É necessário, quando falamos da situação do Brasil, que não sejamos excessivamente pessimistas. É claro que temos que manter um espírito crítico, mas não vamos pensar que cada camada da sociedade brasileira é marcada por defeitos, por taras ou o que for, desde as classes trabalhadores, passando pelos desempregados, até as classes mais favorecidas. Na verdade todos, como classe, como categorias funcionais, como grupos, temos os nossos defeitos e as nossas qualidades.

Foi dito que a pobreza no Brasil abrange 70% da população, nunca ouvira falar em um número tão alto. E acho difícil que ele seja real. Basta lembrar que, por exemplo, o Estado de São Paulo, com 40 milhões de habitantes, tem renda *per capita* de 9 mil dólares; a renda *per capita* no Rio Grande do Sul é de 6 mil dólares, e o Estado tem 10 milhões de pessoas. Mesmo levando em conta a má distribuição da renda, é difícil imaginar que somando isso tudo dê um resultado tão alto. A região do Brasil que conheço onde há mais pobreza é o Nordeste, e lá a pobreza é da ordem de 50%. Mas é claro que o Nordeste também é uma região que tem riqueza. Hoje, o produto *per capita* do Nordeste é da ordem de 125 bilhões de dólares.

Ou seja, se o Nordeste fosse um país separado do Brasil, seria o quarto país da América Latina em termos de produto, viria apenas atrás do próprio Brasil, do México e da Argentina.

Da mesma forma, se a nossa classe média, por um lado, tem dificuldades de adaptação às novas realidades do mundo, afirmo que não é só ela que tem esse tipo de dificuldade. Hoje, todas as classes têm esse problema. Na verdade, os referenciais estão mudando muito rapidamente. Agora mesmo, estavam falando na televisão sobre os formadores de opinião e por que o seu papel hoje é mais importante que há dez anos. A razão é que entraram no mercado televisivo 10 milhões de famílias no Brasil, ou seja, umas 40 milhões de pessoas, nesses últimos 4 ou 5 anos, em função da aquisição, pela primeira vez, de aparelhos de televisão para seus lares.

No capítulo sobre a democracia, sobre a globalização, há possibilidade de trabalharmos, temos certas virtudes, hoje temos uma democracia. Já

conhecemos situações piores e sabemos que do ponto de vista democrático pode melhorar. Em muitos lugares do mundo isso não ocorre. É uma vantagem competitiva na área política que já adquirimos e devemos procurar conservar.

Falando em cultura, temos uma cultura que vem de séculos e séculos, não é uma novidade, e foi se afirmando como uma cultura nacional através de várias etapas, desde o tempo colonial, desde a primeira Batalha dos Guararapes, por assim dizer, quando os holandeses começaram a ser expulsos do Brasil. Fomos nos firmando através do tempo. É claro que há manchas: houve a escravidão, problema seríssimo que até hoje deixou seqüelas na nossa vida, como as que a Dra. Dulce Pereira assinalou com muita propriedade, mas temos uma cultura.

O último episódio da formação da nossa cultura é, voltando à mídia, a criação das redes nacionais de televisão. Bem ou mal essas redes hoje são responsáveis pela formação do pensamento nacional e essa é uma responsabilidade adicional da mídia. Mesmo nessas redes nem tudo é ruim, pois podemos notar, nos últimos 2 anos, um renascimento dos programas de debate político, de informação política, econômica e social no Brasil. Agora mesmo, já temos um nicho nas noites de domingo: podemos optar entre diferentes programas políticos fazíamos a opção entre diversos filmes importados; hoje podemos dedicar as noites de domingo a essa atividade. É muito curioso: tenho notado que as pessoas entrevistadas deram conta que estão competindo com as entrevistadas em outros canais e, assim, estão melhorando, estão tornando a sua apresentação mais atraente.

Conforme já mencionei, o comentário da Dra. Dulce sobre a participação do negro na sociedade brasileira foi muito importante. Na medida em que fomos desenvolvendo cenários, e já começamos a fazê-lo, temos que ir incorporando cenários de natureza social, em alguns casos até étnicas, para medir, para ver quais os parâmetros possíveis para a melhor inserção dos diferentes grupos étnicos brasileiros.

No caso dos negros nós, na SAE, já começamos a fazer isso. Fomos beneficiados por uma série de contatos que fizemos no seio deste grupo de valorização do negro, aqui também mencionado pelo Dr. Gregori, ainda que indiretamente. Fomos beneficiados por esses contatos para estabelecer um novo tipo de diálogo, um diálogo aberto, não para indicar aos negros como devem ser, mas para legitimamente trocar opiniões sobre o que pode ser o futuro. É muito importante ter o passado na cabeça, manter uma atitude crítica em relação ao passado e até ao presente, mas também temos que olhar para frente. O sentido geral desse exercício é olhar para frente, é procurar novos caminhos, é procurar novas

formas de diálogo, é procurar fazer coisas novas, diferentes das tradicionalmente feitas no Brasil, porque o mundo está mudando tão rapidamente, os referenciais vão mudando com tal velocidade, que o que era razoavelmente satisfatório, ou pelo menos tolerável no mundo anterior, agora já não o é mais.

Irei inclusive um pouco além do que foi dito em relação aos desníveis regionais. Disseram que o Brasil necessita de uma política e de uma estratégia de desenvolvimento territorial. Mesmo sem entrar em cogitação a questão dos desníveis regionais propriamente dita, no interior de cada região é necessária uma política de ordenamento e de desenvolvimento territorial. Esse é um novo passo conceitual e político que temos que dar. É preciso que a sociedade como um todo esteja presente nisso. No que estou pensando? Estou pensando que no Brasil, com a aceleração do processo de ocupação da terra, vamos tendo uma propagação, uma proliferação de diferentes formas de ocupação da terra que vão desde eixos de desenvolvimento, pólos de desenvolvimento, até áreas de proteção ambiental, corredores ambientais, áreas indígenas, áreas de assentamento rural, enormes áreas em mãos dos governos estaduais e federal, e muitas vezes o que está ocorrendo, freqüentemente vem ocorrendo, é que essas jurisdições se chocam por falta de uma integração. Por exemplo, os índios pataxós, na Bahia, atacam a flechadas colonos que estão sendo assentados, pessoas sem terra que estão sendo assentadas em certas áreas. Outro caso é que se propõe um assentamento rural em cima de uma jazida uranífera, por exemplo, no sul do Pará. Está aparecendo um novo tipo de problema que só pode ser resolvido pela conscientização de que devemos ordenar o nosso desenvolvimento territorial.

Foi feito um comentário importante sobre o Programa Nacional de Direitos Humanos. Creio que realizamos, como sociedade, um progresso importante. Não creio que seja pura casualidade o Dr. Gregori ter sido indicado para o Prêmio Internacional de Direitos Humanos das Nações Unidas. Houve realmente um trabalho. É um desses casos interessantes, em que uma aspiração da sociedade acaba encontrando uma tradução política. Isso pode servir de modelo para outros anseios e outras aspirações. Isso sublinha a importância da democracia entre nós e a importância de uma democracia melhor do que a desses dias. Poderemos melhorar.

Há uma idéia de que o futuro estratégico do Brasil está ligado à construção da cidadania, o que é verdade! É curioso, também, porque no uso corrente a palavra cidadania chega a ser até um neologismo. Há dez anos, essa palavra não era tão empregada quanto o é hoje. Em termos estatísticos, firmou-se como um núcleo conceitual importante, fundamental. Devemos trabalhar mais o conceito de cidadania e dar a ele uma expressão mais ampla do que tem tido até hoje. A cidadania

evidentemente não se resume ao fato de as pessoas votarem. É fundamental que as pessoas votem, que o maior número possível de pessoas vote. Esta é uma opinião pessoal. Nesse sentido, não sou favorável ao voto facultativo. A ausência do voto, o de pessoas enfraqueceria a legitimidade do poder representativo daqueles que exercem o poder em representação específica da população como um todo.

Outro tema é a democratização, o debate sobre as concepções estratégicas nacionais. Esse é todo o nosso esforço. Nesses anos, procuramos tirar uma estratégia do armário, por assim dizer, e tratar de difundir as idéias, tentando, na medida do possível, agregá-las, sem fugir ao debate de todas as formas. O que está acontecendo? Como geração, como sociedade, estamos sendo bombardeados pela informação. Isso ocorre conosco e com nossos filhos de uma maneira completamente mais radical e dramática que no passado. Hoje o volume de informações é de tal ordem que tendemos a nos perder.

A maior parte dessas informações não toma a idéia de que a nossa sociedade de 160 milhões de brasileiros vai continuar a existir. A informação é totalmente submersa pela realidade imediata, cotidiana, ou vem de fora. Temos uma grande vocação para importar modelos que vêm de fora. É uma tradição brasileira importar modelos, idéias, assuntos, ênfases, modos de trabalhar, modos de nos conduzir etc. Isso não é mau, mas é preciso que haja mais do que isso. Precisamos ter presente que hoje somos 160 milhões, no ano 2020 seremos 199 milhões e 500 mil essa é uma projeção estatística, não chegaremos a 200 milhões. Portanto, vamos continuar a ser uma coletividade importante no mundo e é preciso que tenhamos uma certa reflexão a respeito do nosso destino, do que queremos ser, e essa reflexão tem de ser em conjunto.

Outro aspecto interessante nesse esforço que estamos realizando é tirar essa reflexão de dentro dos gabinetes, procurar levá-la ao público, aos distintos setores, à televisão, aos jornais à imprensa etc. Isso é absolutamente fundamental. Esse é um esforço que, independentemente da SAE, independentemente do que possamos fazer no futuro, deve ser perseguido.

Fico satisfeito com este evento e com os outros que realizamos, que indicam que estamos nessa trilha e no caminho certo.

Outro ponto interessante ouvido aqui foi a idéia de que uma estratégia consistente não pode ser resultado de simples agregação de interesses específicos. Esse é um ponto realmente complexo, realmente difícil. Em primeiro lugar, é lícito e legítimo que os interesses específicos se afirmem. É lícito e legítimo que cada um de nós tenha interesses específicos e procure

defendê-los. Quando pensamos o futuro e estamos indo além da crítica ao passado — pensando o futuro da sociedade como um todo —, é importante que os representantes de cada setor transcendam um poder ser o Brasil e futuro do seu setor pouco essa posição e procurem pensar como o seu setor nele incluído, não apenas o futuro do setor. É uma falácia imaginar que cada setor isoladamente conseguirá definir o seu futuro. A definição do futuro de cada setor vai depender do futuro da nacionalidade, do futuro do Brasil. O nosso futuro como País, por sua vez, dependerá do comportamento da política e da economia mundial.

O mundo mudou nesse sentido. Hoje em dia, a pressão que vem de fora é muito maior — pressão legítima, inclusive. As antigas formas de luta contra a pressão externa já não mais funcionam. O problema não é mais a guerra, não é mais o conflito de maneira geral, embora sempre possa existir guerra e conflito. O problema hoje é a luta pelas mentes e pelos corações, pela nossa mente e pelo nosso coração. Portanto, é um problema fundamental para nós. Quando nós mesmos começarmos a olhar adiante, encontraremos a maneira de defender essa possibilidade coletivamente.

Não vou fazer mais comentários sobre a mídia, porque acho que já falei demais sobre ela.

Fiquei muito interessado nos comentários sobre a universidade. No Brasil, a universidade está passando por uma nova fase, voltando a ser um centro de reflexão privilegiado. Para certas finalidades, não há nada que possa substituir a universidade, pela própria diversidade de suas preocupações e de opiniões que existem dentro dela, em função da especialização técnica e ideológica. A universidade é um campo privilegiado para a construção do futuro. A universidade, por não ser uma agência de desenvolvimento econômico, como há muitas no Brasil, pode pensar o problema do futuro mais facilmente em sua totalidade, levando em consideração os problemas sociais e as dificuldades da sociedade. Ela pode associar as dificuldades da sociedade e as perspectivas de desenvolvimento propriamente econômico em uma só esfera de atuação. Isso é ótimo, excelente e precisa ser estimulado. É uma das funções fundamentais da universidade.

Ouvi uma referência também sobre a qualificação profissional dos trabalhadores mediante um esforço tripartite — governo, empresas e sindicatos. Tenho a impressão de que foi feita pelo Sr. Canindé Pegado. Aí está um dos tantos problemas. O nosso futuro está em grande parte delimitado pelo problema da educação e do desenvolvimento científico-tecnológico. Esse assunto nem foi tão tratado desta vez; da próxima vez, será.

Dentro da educação, a qualificação profissional é absolutamente fundamental. Não se deve necessariamente seguir o modelo alemão de qualificação profissional, isto é, fazer quase uma carreira acadêmica para cada trabalhador. Devemos dar a todos os brasileiros, trabalhadores ou não, a possibilidade de se aperfeiçoarem, de terem uma educação básica suficientemente forte, que permita alguma flexibilidade na vida de cada um.

Um dos benefícios que as classes mais favorecidas têm é o da flexibilidade, quer dizer, o fato de termos tido um tipo de educação que nos permite exercer diferentes atividades de acordo com as necessidades de cada um ou para as quais a sociedade nos empurra.

O problema da classe trabalhadora é justamente a falta de flexibilidade. É preciso que todos nós, sociedade brasileira, tenhamos presente esse requisito específico da classe trabalhadora, que necessita um atendimento especial.

O meu amigo Stefan Salej mencionou a importância do mercado brasileiro. Creio que sempre tivemos em mente que o mercado brasileiro é importante, mas deveríamos ficar chocados - se não estamos, deveríamos estar - em função da percepção de que se descobriu o mercado brasileiro fora do Brasil. O grande fascínio que hoje o Brasil exerce no mundo é o atrativo do mercado - quando digo mundo, refiro-me não só ao mundo distante, mas ao nosso entorno. Temos um mercado brasileiro! Anos e décadas atrás a nossa preocupação era com a construção de um mercado brasileiro. Hoje, já sabemos que ele existe. O problema é fortalecê-lo e utilizar esse mercado para as nossas próprias finalidades.

Mais uma vez, eu gostaria de agradecer a todos pela presença e pela contribuição dada. Sei que muitos interromperam os seus afazeres e vieram a Brasília prestar essa rica contribuição. Conseguimos uma equipe de painelista, creio, de fazer inveja a qualquer seminário. Tomo como uma homenagem à SAE o fato de todas as pessoas terem aceitado trabalhar conosco.

Esses comentários serão todos coletados. Inclusive foram gravados em vídeo. Procuraremos colocar os comentários na televisão ou fazer vídeos. Vamos nos valer da cooperação de outras entidades que conosco estão coligadas, associadas no Fórum Brasília XXI. Esperamos que saiam desta conferência idéias concretas.

Vamos continuar os nossos esforços. Depois das palavras do Presidente e dos debates realizados ontem, uma dimensão especificamente política se agrega ao que vínhamos fazendo. Evidentemente, todos tínhamos a dimensão política como premissa em nossas cabeças, mas agora essa dimensão está explicitada e abre um novo espaço. Vamos trabalhar

com o pacto político e o pacto social no sentido de obter um projeto nacional que nos permita deixar de ser o que somos com o fim de alcançar o que queremos.

Vicentino, no vídeo que projetamos, falou muito em sonhos. Há um poeta inglês que também fala muito em sonhos. Foi, inclusive, usada a citação: quando sonhamos, nos sonhos começam as nossas responsabilidades. Esse é o nosso espírito.

RESUMO

Na abertura do Seminário Nacional “Projeto Brasil 2020”, Ronaldo Sardenberg apresentou os principais dados sobre o “Projeto Brasil 2020” afirmando que, na atualidade, a construção de cenários para o futuro tornou-se um exercício de crescente importância para os países enfrentarem os desafios de um mundo turbulento e em constante transformação. De fato, esse projeto foi entendido como missão estabelecida para a SAE pelo próprio Presidente Fernando Henrique Cardoso no início de seu governo em janeiro de 1995. O Embaixador Sardenberg apresentou também as principais realizações da Secretaria de Assuntos Estratégicos ao longo desses quatro anos no âmbito das áreas abrangidas pela SAE: integração de regiões fronteiriças, desenvolvimento de projetos na área nuclear para fins pacíficos, implantação do Projeto SIVAM/SIPAM que deverá proporcionar aumento substancial do conhecimento sobre a região amazônica, fórum de debates reunindo centros de estudo e pesquisa sobre políticas públicas, publicações e seminários especializados, entre outros. A segunda parte deste artigo registra uma avaliação sumária dos resultados do Seminário “Brasil 2020”.

ABSTRACT

In his speech, opening the National Seminar “Brazil 2020”, Ronaldo Sardenberg presented the main features of the “Brazil 2020 Project” by stating that, today, constructing scenarios for the future became a practice of growing importance for any country to meet the many challenges of a changing and turbulent world. In fact, such a project was understood as a mission given to the Secretariat for Strategic Affairs by the President Fernando Henrique Cardoso in the very beginning of his administration in January 1995. Ronaldo Sardenberg presented also an overview of the main achievements of the Secretariat for Strategic Affairs which include a wide range of areas and activities: integration of border regions, nuclear capabilities development for pacific purposes, SIVAM/SIPAM system for the development of Amazon region, public policy “think tanks” forum, specialized publications, among others. The second section of this article is a brief appraisal of the main achievements of the Seminar “Brazil 2020”.

O Autor

RONALDO MOTA SARDENBERG. Diplomata, Ministro Extraordinário de Projetos Especiais. Foi Secretário de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (1994-98), Embaixador em Moscou, em Madri e na ONU. Representou o Brasil no Conselho de Segurança da ONU no biênio 1993-94.